

Argentina não acredita em uma “solução a la peruana”

Rosental Calmon Alves
Correspondente

Buenos Aires (do correspondente) — A notícia de que o Brasil está disposto a suspender o pagamento da dívida externa por três meses saiu, ontem, sem destaque pela imprensa local, enquanto o governo argentino procurava informações a respeito e analisava as conseqüências que uma medida desse tipo poderia ter na crise internacional da dívida externa. Até a noite, contudo, fontes do governo argentino asseguravam que não havia nenhuma confirmação da notícia.

As mesmas fontes assinalavam que a suspensão de pagamento por parte do “maior devedor do mundo” teria “um forte impacto” internacional, alterando o quadro para a negociação dos demais países. Os funcionários duvidavam, porém, que Brasília adotasse uma “solução a la peruana”.

De qualquer forma, o agravamento da situação externa do Brasil coincide com uma calma na frente externa Argentina: o FMI acaba de aprovar um crédito *stand by* no valor de 1,35 bilhão de dólares, cujo primeiro desembolso será de 710 milhões de dólares. O mais importante é que isso abre o caminho para uma solução satisfatória com os bancos, que já receberam a proposta argentina de renegociação e respondem na próxima quarta-feira.

A suspensão de pagamentos dos juros, por falta de caixa, tem sido adotada, por vários países latino-americanos, como solução extrema e com a desculpa de necessitar um tempo para reorganizar suas contas. Assim, por exemplo, a

Argentina e a Bolívia ficaram mais de três anos sem pagar virtualmente nada. Mas o caso mais notório de decisão unilateral foi o do Peru, que — além de não pagar praticamente nada — conseguiu organizar internamente a economia do país.

Ao tomar posse, em julho de 1985, García anunciou que só pagaria o equivalente a 10% das exportações peruanas a título de juros da dívida externa. Na prática, os bancos comerciais não receberam até agora quase nada, a não ser as contas de curtíssimo prazo (cartas de crédito), que mantêm vivo o comércio exterior peruano. Apesar da ousadia, não houve nenhuma retaliação dos bancos e nem do FMI.

Apesar da briga externa, García conseguiu internamente um verdadeiro “milagre econômico”, que seus críticos consideram efêmero, apesar de suas previsões apocalípticas terem falhado até hoje: a inflação baixou de quase 200% ao ano para 60%; o PBI cresceu no ano passado 9%; o desemprego diminuiu e os salários tiveram notável crescimento real. A renda dos trabalhadores do campo, por exemplo, teve um incremento real de 30%, enquanto os trabalhadores da construção tiveram uma melhora salarial corrigida de 44%.

O outro lado da moeda, porém, é que o déficit fiscal já deve estar por volta do equivalente a 9% do PIB e as reservas monetárias internacionais em níveis extremamente baixos, apesar de medidas drásticas como a proibição de qualquer remessa de dólar de empresas privadas ao exterior para pagamento de dívidas. A pergunta é até quando vai durar o milagre de García, cuja popularidade continua superando os 75%.